



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 47

O visconde

Branca Vianna: Bem-vindo ao Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

No episódio dessa semana, a gente vai contar uma história só.

E ela é a segunda parte de uma história que o Tiago Rogero começou a contar no segundo ato do episódio da semana passada

– então se você ainda não ouviu a parte 1,

é melhor pausar aqui e voltar lá pra tudo fazer mais sentido.

E, se você já ouviu a parte 1, você já sabe que eu sou uma das personagens nessa história. Então eu vou passar logo o bastão pro Tiago.

Tina Molloy: A história, lembrança maior que eu tenho da Fazenda Paraizo era quando eu tinha assim mais ou menos 11 anos, estimando. A minha mãe me trouxe, me levou lá para a fazenda para visitar. Era como uma visita à fazenda do nosso descendente, o Visconde. E tinha uma senhora lá que nos atendeu muito bem, deu um tour da casa. E nesse-- Nessa visita, ela me mos-ela mostrou para gente o livro que a gente ficava. Assim, o livro dos negócios do Visconde, que ficava numa mesa ao lado da escada. Eu lembro de olhar o livro, e nesse momento realmente tomar consciência do que era o Visconde. Eu lembro que tinha os nomes de todo mundo, todos

escravizados, as famílias e era tudo marcado como se fossem gado. E era muito chocante, assim, esse livro. Nunca esqueci desse momento.

Tiago Rogero: Esta é a Tina Molloy, a prima da Branca Vianna e da Anna Vianna. A Branca e a Anna são irmãs.

As três, como você ouviu no episódio passado, pediram pra dois historiadores fazerem uma pesquisa sobre o passado escravocrata da família delas, especialmente o tataravô delas: Domingos Custódio Guimarães, o Visconde do Rio Preto.

E, desde a primeira vez em que elas me contaram isso, em 2021, eu ouço falar desse tal livro que a Tina citou.

Anna Vianna: O livro (ri) O livro!

Branca Vianna: O livro. Esse livro das pessoas escravizadas da Fazenda Paraizo foi o que começou essa história inteira. Um dia eu estava conversando com a Tina, e a Tina me contou desse livro. E foi assim que a gente começou a pensar, vamos achar esse livro e vamos disponibilizar esse livro para os historiadores poderem pesquisar, para as pessoas da região que quiserem tentar descobrir se essas pessoas estão lá no livro são os seus antepassados. Porque vai quê, né, pode ser que ajude. No mínimo ajuda pesquisadores, certamente. Então vamos tentar achar esse livro.

Tiago Rogero: No episódio passado, você ouviu as entrevistas que eu tinha gravado com elas em 2021. Essas que você tá ouvindo já são de agora, de 2023, quando elas já conheciam os resultados da pesquisa feita pelos dois historiadores: a Marília Ariza...

Marília Ariza: Eu sou historiadora, professora, pesquisadora da História da escravidão no Brasil no século XIX.

Tiago Rogero:...e o Adriano Novaes...

Adriano Novaes: Eu sou historiador, museólogo e guia de turismo. Pesquisa já há mais de-- quase 30 anos a história do café aqui na minha região do Vale do Paraíba.

Marilia Ariza: A pesquisa surgiu de um interesse da Branca, da Anna e da Tina. Então elas me procuraram e eu desenhei uma pesquisa junto com o Adriano Novaes, que é um historiador da região...

Adriano Novaes: Eu fui convidado pela Marilia. A Marilia é uma professora da USP...

Marilia Ariza: Juntos, a gente foi construindo uma pesquisa que teve como objetivo tentar mapear as relações, essas relações justamente que tavam sob uma espécie de sigilo ou tavam perdidas na idealização da história do Visconde. E isso incluiu fazer uma extensa pesquisa nos arquivos, levantando todo tipo de documentação que a gente pudesse encontrar sobre o Visconde e o patrimônio escravista que ele produziu. E fazer entrevistas com pessoas que pudessem nos ajudar a retrair esses meandros da história dele com relação à escravidão.

Adriano Novaes: Nós entrevistamos mais de 20 pessoas, se não me engano. E foram mais de 40 horas, sabe?, de entrevistas que nós fizemos com essas pessoas...

Marilia Ariza: ... entre membros da comunidade negra que se formou ali em Valença e região e que têm historicamente uma relação com as comunidades negras das fazendas escravistas da região, muitas delas de propriedade do Visconde ou originadas do patrimônio construído pelo Visconde; e membros da família, além de historiadores, de pessoas especialistas na história da região...

Adriano Novaes: A proposta era tentar encontrar um descendente de um escravizado do Visconde do Rio Preto.

Adriano Novaes: Eu já tinha uma certa familiaridade com o tema, até porque eu já tinha pesquisado talvez um dos documentos mais importantes

para nós historiadores, toda a sociedade aqui no Vale do Paraíba, principalmente dos grandes cafeicultores. E eu, há mais de 30 anos, foi o primeiro documento que eu tive contato do Visconde: foi exatamente o inventário dele. E fiquei impressionado. É um documento muito rico em detalhes, e descreve tudo que ele tinha, todos os bens que ele deixou. Os bens móveis, os imóveis e as pessoas que ele tinha como escravo em suas fazendas. É uma coisa impressionante. De a gente ter um pouco da dimensão, através dele, do que foi o café nessa região. O que foi a escravidão nessa região.

Tiago Rogero: Pra começo de conversa, vamo contar quem foi o Visconde do Rio Preto. Ele num nasceu visconde, né? Isso era um título de *(limpa a garganta)* nobreza. Comprava, ou melhor, era agraciado com o título quem era muito rico e que agradava o Império. Bom, mas muito antes de virar visconde, o Domingos Custódio Guimarães morava em Minas Gerais, na região de São João Del Rei. Ele nasceu em 1802.

Adriano Novaes: Ele era de família de fazendeiros, mas de criação de gado. E se enriqueceu com comércio de, é, de carne verde no Rio de Janeiro, entre Minas e Rio de Janeiro.

Marilia Ariza: Carne verde é o nome que se dava à época à carne fresca. Não à carne seca ou curada, que é aquela carne, o charque, carne de sol, enfim, há mil técnicas na culinária tradicional brasileira pra preservação da carne, que eram praticadas porque não tinha geladeira. Ele vendia pra revendedores. E foi se tornando negociante e passou a investir depois na aquisição dessas terras.

Tiago Rogero: Essas terras ficam no Vale do Paraíba, que é o nome de uma enorme região que pega parte dos estados de São Paulo e do Rio. A parte que o Visconde escolheu fica no Rio, bem perto da divisa com Minas: a região de Valença.

Marilia Ariza: E isso corresponde, ou isso se combina, melhor dizendo, se encontra com um período de crescimento da economia do café no vale. Então, ele investiu as rendas e o dinheiro que ele tava produzindo num

negócio em expansão, que era o cultivo do café no vale, que era um cultivo baseado na mão de obra escravizada.

Adriano Novaes: O momento em que ele muda o café desponta como um produto muito importante para as exportações. Você percebe nele um tino para os negócios, voltado para a administração. Uma coisa bem capitalista, vamos dizer assim. Quando ele faleceu, ele deixou, se não me engano, oito fazendas. Mas ele chegou a ter mais. Ele chegou a ter 14 fazendas. Ele doou algumas fazendas pros filhos em vida. E tinha muitos sítios, tinha muitos sítios.

Marilia Ariza: Eu acho que ele é uma figura ao mesmo tempo excepcional e comum da História do Brasil. Ele é excepcional, porque nem todos os membros das elites brasileiras tiveram um papel, imperiais tiveram um papel tão destacado na política local, construíram um patrimônio tão vultoso... Ao mesmo tempo, essa é uma trajetória... esse é um personagem comum porque ele era mais um dos escravistas da região e mais um dos escravistas brasileiros que construíram uma história que dependeu completamente da mão de obra escravizada, da escravização de pessoas pra acumulação de riquezas e pra construção dum patrimônio.

Tiago Rogero: Quando ele morreu, deixou como herança Mil Duzentos e Oitenta seres humanos escravizados.

Eu vou repetir:

Mil Duzentos e Oitenta seres humanos foram deixados como herança por ele quando morreu, em 1868.

Marilia Ariza: É um número muito grande de escravizados, sobretudo se a gente pensa isso no espectro, como eu estava comentando antes, de uma propriedade escrava amplamente disseminada e fundada nos arranjos de pequena posse — que é essa que caracteriza a escravidão de modo geral no Brasil como um todo.

Tiago Rogero: A gente falou sobre isso no projeto Querino: quando se pensa na escravidão no Brasil, em quem é que tinha escravizados, os proprietários, os senhores e as sinhás, é comum imaginar um grande fazendeiro, dono de dezenas, centenas de escravizados. Como o Visconde.

Mas a realidade da maioria das pessoas que tinham escravizados, e mais de um terço dos chefes de família no Brasil tinham escravizados, era cada um dono de um, dois, no máximo três escravizados.

Porque era caro comprar um escravizado.

Então quem tinha dezenas, centenas de escravizados era uma minoria super rica.

Então eu vou repetir de novo o número de escravizados do Visconde, até porque a gente num pode nunca entender essas quantidades como só números — eram seres humanos, né?

Mil Duzentos e Oitenta pessoas: crianças, adolescentes, mulheres, homens e, se conseguisse resistir por mais tempo, idosos também.

Mesmo pro padrão das famílias ricas do Império, era muita gente.

Adriano Novaes: A gente sabe que ele teve mais, porque em vida ele doou umas propriedades para os filhos, que chamava de "adiantamento de herança". Para o filho e para a filha, e isso inclui escravizados. Então chegou a ter mais.

Branca Vianna: A ideia que nos venderam quando a gente era criança, que muita gente da família ainda tem, é de que ele era um grande homem de negócios, uma pessoa com uma cabeça muito boa para os negócios e que então ele foi enriquecendo, e realmente deve ter morrido muito, muito rico, porque o dinheiro dele durou várias gerações.

Tiago Rogero: Essa é a Branca Vianna, tetraneta do Visconde do Rio Preto.

Branca Vianna: Mas ninguém... ninguém pensa o que significa você ter uma cabeça boa para negócios, se você tem uma mão de obra de graça, se você tem uma mão de obra escravizada. Então a gente ouviu pessoas da nossa família dizendo isso ainda hoje em dia, em 2023: que 'Ok, ele escravizava pessoas, mas era assim, na época, que se fazia. Essa era a maneira de trabalhar na época. E que ele, além disso, ele era um grande empresário, com uma grande visão de futuro e que mecanizava isso e mecanizava aquilo outro', e tal. Enfim, com mão de obra de graça não é difícil ganhar dinheiro.

Tina Molloy: O que me surpreendeu foi o número de escravizados do Visconde que apareceu no testamento. Eu sabia mais ou menos 500 pessoas. Mas o número 1280, é muita gente.

Tiago Rogero: Aqui de novo a Tina, prima da Branca.

Tina Molloy: E, assim, até comparando com os Estados Unidos, que nos Estados Unidos também temos esse movimento e tem muita gente: 'Ah, não, sabe, eu descobri na história que a minha família tinha uma pessoa escravizada'. E aí eu descobri na história que a minha família tinha 1280 pessoas escravizadas. É muita gente.

Branca Vianna: O número que eu tinha na cabeça era, sei lá, trezentas e tantas, ou quatrocentas pessoas, e pulou para mil e tantos. Quer dizer, que diferença isso faz, né? Na verdade é muito parecido. Eu levei um susto, mas não deveria ter levado, porque não faz diferença. A rigor, não faz diferença nenhuma. Não deixa de ser...

Tiago Rogero: No sentido de que escravizar uma pessoa já seria suficiente.

Branca Vianna: É, exatamente. Então, por que eu me espantei?

Anna Vianna: Uma das entrevistas que me impactou bastante foi de um ex-funcionário dos dos nossos avós, e ele falando, ele falando da nossa avó e do nosso avô com um apreço muito grande. Os caras trabalhavam na

nossa fazenda por uma miséria, uma, enfim, um salário muito baixo, e ainda assim aquela gratidão.

Tiago Rogero: Esta é a Anna Viana, a irmã da Branca, e também prima da Tina.

Anna Vianna: E aí me lembro direto a coisa do: 'Não, o Visconde era bom para os seus escravos'... E é o que a gente sempre fala, inclusive, em família. 'De que adianta você ser bonzinho, entre aspas, dar a cesta básica ou um cobertor, ou sabe Deus o quê, se você não paga o mínimo necessário para essa pessoa?'. Foi a entrevista que mais me entristeceu. Era uma falta total de noção que a gente tinha quando a gente era pequena. A gente tinha noção da distância, porque a vovó deixava bem claro a importância dessa distância entre nós e eles, mas acho que para a gente era muito normal, a gente brincava e tal, e depois a gente subia pra casa grande e eles ficavam lá nas suas casas mais simples, dentro da fazenda, e ainda assim achando aquilo tudo muito bom, né?

Tiago Rogero: E, como era de se esperar, dá pra ver muito claramente uma enorme linha divisória entre os caminhos que seguiram a família delas e a dos descendentes das pessoas que trabalhavam nessas fazendas. Gerações desses descendentes continuaram trabalhando pra família delas. Motorista, trabalhadora doméstica...

Anna Vianna: O paralelo que a gente faz das nossas famílias é isso. Olha onde nós estamos, onde eles estão. São poucos os que saíram daquela situação, digamos assim. Todos moram ali, naquele vilarejo de Santa Rosa.

Tiago Rogero: O Adriano falou aqui mais cedo: um dos focos da pesquisa que ele e a Marília fizeram era encontrar descendentes de pessoas que comprovadamente foram escravizadas pelo Visconde.

Marília Ariza: Entre a comunidade da região, entre os moradores da região e a comunidade negra que se formou ali, historicamente enraizada, é claro, na experiência da escravidão, a gente não encontrou ninguém que se identifique diretamente como descendente de escravizados do Visconde.

Adriano Novaes: E aí, você chega, hoje, como que você não consegue encontrar um descendente, uma pessoa de tantas pessoas? E isso é um grande desafio para muitos historiadores que estudam o Vale do Paraíba logo depois do fim da abolição da escravatura, em 1888. Porque logo depois veio a República, que também... com a tentativa de colocar na conta da monarquia toda essa tragédia que foi a escravidão, nega esse passado.

Marília Ariza: E também tem um outro aspecto, que é a maneira como as comunidades negras vão se construindo no pós-abolição, né? Que são: parte das pessoas ficam enraizadas no local, outras migram, se deslocam para outras regiões. E retrair isso inclui, ou necessitaria, exigiria que a gente pudesse combinar essa documentação — uma farta documentação — ao contato com as pessoas da região. A gente conseguiu avançar alguns passos nesse sentido, mas acho que a gente ainda poderia fazer mais se a gente tivesse acesso a mais fontes.

Tiago Rogero: O Adriano e a Marília conversaram com várias pessoas que trabalharam pros descendentes do Visconde, e cujos pais, avós, trabalharam pra mesma família. Mas, quando o Adriano e a Marília traçavam as origens desses funcionários até um pouco mais pra trás, eles encontravam pessoas que tinham chegado à região depois da abolição.

Ou seja: ainda que essas pessoas eventualmente descendam de alguém que um dia foi escravizado, o dono não teria sido o Visconde, e sim alguém de outra região.

Mas, apesar de não terem conseguido localizar nenhum descendente, a Marília e o Adriano descobriram umas informações bem interessantes sobre alguns dos escravizados do Visconde. Aquela ideia deles de dar rosto a essas pessoas, sabe? No sentido figurado, claro.

Por exemplo: em 1874, uma mulher chamada Rachel entrou com uma ação no Judiciário contra o espólio do Visconde, que à época era administrado pelo filho dele. Na ação, a Rachel argumentava que ela e os dois filhos tavam sendo escravizados ilegalmente.

A história era assim: a Rachel e o marido, Manoel, pertenciam a um casal rico de São João del Rei. A sinhá tinha prometido pros dois que, quando ela morresse, os dois seriam libertados no testamento. A mulher morreu, mas o viúvo não cumpriu a promessa e vendeu o casal pro sogro do Visconde do Rio Preto, o pai da Viscondessa. Quando o sogro morreu, o Visconde herdou o casal.

O Manoel acabou tirando a própria vida no meio de todo esse processo. A Rachel ficou sozinha com os filhos, Maria e João. Com a morte do Visconde, mesmo escravizada ela deu um jeito de entrar com uma ação pra tentar a liberdade dela e dos filhos.

Marilia Ariza: Então, em 74, por meio de um curador, eles entram na justiça contra o espólio do Visconde para tentar obter a liberdade, com base na afirmação de que eles seriam, não poderiam ter sido adquiridos pelo pai da viscondessa, é, e que eram fruto de uma compra ilegal, do comércio ilegal de escravizados. Que é uma atividade absolutamente comum, uma ocorrência muito comum na história da escravidão no Brasil. O que também é interessante para mostrar como o patrimônio do Visconde, e a propriedade escrava dele, se construiu. Cê vê que a origem da ilegalidade do patrimônio dele vem de outras circunstâncias também, porque parte dos escravizados não poderia nem ter sido vendido como escravizados em primeiro lugar, porque eram libertos.

Marilia Ariza: E aí, no final, só pra concluir a história, o que acontece? A gente perde o rumo dessa história no final, porque o juiz da região remete a deliberação ao juiz de São João Del Rey, pedindo que ele busque reconhecer a validade da verba testamentária e reconhecesse que de fato os escravizados que estão movendo a ação de liberdade contra o espólio do Visconde são aqueles identificados na verba testamentária da primeira proprietária. E aí, como a gente não teve acesso à documentação de São João Del Rey, que a gente não conseguiu acessar porque está indisponível, a gente não sabe qual foi o fim que teve essa história.

Tiago Rogero: Um ponto central de toda essa história do Visconde é a Fazenda do Paraíso. É aquela fazenda onde a Tina viu o tal livro dos escravos quando ela tinha 11 anos. Isso foi em 1977.

A Paraizo era a principal fazenda do Visconde. Era lá que ele morava e foi lá que ele morreu.

De todas as fazendas dele, era a que tinha o maior número de escravizados: 554 pessoas.

Adriano Novaes: O Visconde do Rio Preto, quando ele chega aqui, ele faz um estudo do que era a produção do café. Ele pensa uma fazenda eficiente, ele pensa uma fazenda eficiente e num período de transição. Porque a Fazenda do Paraizo, ela fica pronta em 1853.

Tiago Rogero: Aliás, vale comentar essa cruel ironia do nome, né? Como pode um campo de trabalho forçado chamar “Paraíso”??? Nessa época, a jornada de trabalho em fazendas de produção de café no Brasil era de quinze horas por dia. E quem não batesse a meta diária colocada pelo senhor era torturado.

Adriano Novaes: E depois de 1850, você tem a mudança em relação ao trabalho, que a mão de obra começa a ficar escassa e muito cara. Por fim, por fechar o tráfico.

Tiago Rogero: O tráfico de pessoas sequestradas no continente africano já tava proibido no Brasil desde 1831. Mas teve um esquema generalizado de corrupção envolvendo as elites, os políticos, o Império e parte da população que permitiu que o tráfico continuasse, agora sob a forma de contrabando. Por isso que essa lei de 31 acabou conhecida como a Lei pra inglês ver, porque tinha partido de uma pressão da Inglaterra e acabou não sendo cumprida.

Em 1850, o tráfico enfim terminou, com a aprovação de uma nova lei, também por pressão dos ingleses. E até teve uns contrabandistas que ainda tentaram continuar com o tráfico ilegal nos anos seguintes, mas dessa vez o Império apertou a fiscalização.

Adriano Novaes: Então ele vai pensar que: eu preciso ter escravizados colhendo café, mas eu posso economizar mão de obra escrava nos processos de beneficiamento, por exemplo. Que trazia não só prejuízo - e que trazia muito prejuízo à saúde dos escravizados! Então esse maquinário,

ele consegue resolver esse problema, em grande parte. Economizava muita mão de obra escrava.

Tiago Rogero: Essa modernização que o Visconde promoveu na fazenda num era uma questão de preocupação com a saúde dos escravizados. Era uma questão de dinheiro.

Aliás, até hoje existe um mito de que o Visconde teria sido um escravista mais humano, como se isso não fosse uma contradição em termos. Vamo lembrar esse período em que ele se tornou super-rico: as décadas de 1850 e 1860. O abolicionismo já existia há décadas no mundo, e vários vizinhos nossos das Américas já tinham abolido a escravidão.

Essa ideia do Visconde como um senhor mais humano tá ligada principalmente ao fato de que na fazenda tinha uma enfermaria pros escravizados. Mas, de novo, num era por preocupação com a saúde. Era uma questão de dinheiro. Pra recuperar os trabalhadores que ficassem doentes e continuar tirando deles a maior produtividade possível.

Adriano Novaes: As pessoas que conheceram a Fazenda Paraizo no século XIX, na época do Visconde, falam sobre isso: a fazenda modelo, a joia de Valença, como ela era conhecida.

Roberto Guião: A Fazenda do Paraizo realmente é uma joia, como dizia um antigo historiador: a joia de Valença. Só que agora não é mais de Valença, é de Rio das Flores. Mas eu me atreveria em dizer que, na verdade, ela é a joia do Vale do Paraíba como um todo.

Tiago Rogero: Este é o Roberto Guião.

Roberto Guião: Sou formado em Administração e Ciências Contábeis. Trabalhei a minha vida inteira nessas produções dentro da Companhia Siderúrgica Nacional. E depois me encantei com a história do café e da genealogia das famílias envolvidas. E passei a pesquisar essa história, o que faço por 43 anos, gerando então um arquivo muito bonito a respeito dessas pesquisas.

Tiago Rogero: Ele passou quase 10 anos pesquisando especificamente a história da Fazenda do Paraizo.

Roberto Guião: 'A história da Fazenda Paraizo e sua gente'. Aqui eu falo, neste capítulo: outras atividades... Além de atividades operacionais de café.... A banda de música que tinha lá, que era tocada por escravos. Atividades específicas desenvolvidas pelos escravos, aí eu menciono aqui algumas. Carreiros, utilizado na construção de carro de boi, então tinham esses três aqui. Carpinteiros, ofício muito usado em fazenda, pois a madeira, sua fabricação foi muito usada na confecção da casa. Tinha o Normando, Jerônimo, Camilo, Ricardo. Esse aqui era mestre. Tinha um valor maior, porque era mestre dos carpinteiros.

Tiago Rogero: Essas eram informações que tavam no inventário do Visconde. Tinha só o primeiro nome de cada escravizado, a profissão e o valor.

Roberto Guião: Costureiras. Tinha Ana, tinha a Coleta... Engomadeira, que engomava aquelas coisas que as mulheres usavam. Tia Marcolina, Isabel. Mucamas, que atendiam especificamente o dono da casa: era Isabel, a Joana, e Ricarda.

Tiago Rogero: E a Ricarda de 17 anos.

Roberto Guião: De 17 anos.

Tiago Rogero: 17 anos.

Roberto Guião: O começo da Paraizo é bem no comecinho do século XIX. Foi uma sesmaria doada a um padre, que ele pouco fez de trabalho nessa sesmaria e depois vendeu para um senhor chamado Maynard, que também pouco fez nessas terras. Depois, a viúva desse senhor Maynard vendeu a fazenda para o Domingos Custódio Guimarães, que viria a ser barão. Primeiro barão e depois Visconde do Rio Preto. O visconde comprou essas sesmarias aí ele construiu, entre 1845 e 1853 ele construiu aquele belíssimo palacete, que passou a ser a casa sede da Fazenda do Paraizo. Aí ele

morreu em 68. A viúva ficou com propriedade até 73, faleceu. Ele tinha dois filhos, um homem e uma mulher.

Tiago Rogero: A Branca, a Anna e a Tina são descendentes do Visconde por parte da filha, a Maria Amélia.

Roberto Guião: O filho, que viria a ser o segundo Barão do Rio Preto, ganhou o nome dele, Domingos Custódio Guimarães, ficou com a fazenda e outras propriedades até 1876, quando ele faleceu. Nessa época do falecimento dele, assumiu então a viúva, a baronesa de Rio Preto, com seis filhos pequenos. A fazenda entrou numa fase um pouco difícil. Final de ciclo do café, depois veio a abolição, tal. Em 1895, até 98, ela foi vendida em partes para um Vieira Machado da Cunha, que era o Barão da Aliança. Esse barão ficou com a fazenda dessa época, de 98, até 1912, quando ela foi comprada pelo coronel Alexandre Belfort Arantes, que é bisavô do atual proprietário.

Tiago Rogero: O Roberto me recebeu na casa dele, que fica a uns 140 quilômetros do Rio. Essa pesquisa toda dele sobre a Fazenda do Paraizo tá em formato físico.

Roberto Guião: Esse produto, eu fiz três exemplares. Iguazinhos. Eu digitei tudo, imprimi, minha mulher revisou, tirei as fotos, todas as fotos de desenho que você vê aqui. Eu fiz três cópias. Na época era foto, ainda tinha que revelar a foto. E montei três cadernos, três conjuntos. Essa é a minha cópia, meu, o meu exemplar. O primeiro exemplar, eu doei ao Paulo Roberto.

Tiago Rogero: Paulo Roberto é o atual dono da Fazenda do Paraizo.

Roberto Guião: E o terceiro exemplar, ele está circulando entre historiadores amigos meus para opinar, fazer comentários e tal.

Tiago Rogero: Além de ouvir a história da Fazenda, eu tava com uma outra expectativa nessa ida até a casa do Roberto: saber do tal livro dos escravos da Fazenda do Paraizo. Porque na pesquisa... bom, deixa a Marília contar:

Marilia Ariza: Também gostaríamos muito de ter tido acesso a uma documentação, que é uma documentação sobre a qual as primas falavam desde o começo, que era uma espécie de livro de administração da Fazenda Paraizo, que seria um livro no qual ele detalharia informações sobre os escravizados. Que é um documento um pouco mítico, assim, que muita gente comenta mas que está em posse dos proprietários da fazenda hoje em dia. E cujo acesso eles não quiseram franquear para a gente, para pesquisa, porque isso tá engajado, tá envolvido, numa certa tensão, justamente sobre as relações entre o Visconde e a escravidão.

Tiago Rogero: E vocês chegaram a efetivamente pedir acesso, "pô, vocês poderiam compartilhar com a gente?", e a resposta foi "não"?

Marilia Ariza: Antes da gente pedir o acesso, eles disseram que não ofereceriam acesso. Então, quando a gente quis conversar, deu as nossas credenciais, digamos assim, e falou da origem do projeto. Eles já nos perguntaram, 'Mas o que vocês querem? Vocês querem ver aquele documento? Eu já falei que não dá para ver o documento. Está com minha irmã, ela não está disposta a oferecer'. Então, eles são pessoas simpaticísimas, nos receberam muito bem, mas de partida já disseram que não iam oferecer acesso à documentação, e a gente sentiu, percebeu, que seria um ponto de tensão e que a gente não deveria insistir nisso para não inviabilizar outras conversas produtivas que a gente poderia ter com eles. Mas esse é o elo perdido, assim, da pesquisa, porque é algo sobre que todo mundo fala e que a gente não consegue ver.

Marilia Ariza: Eu imagino que esse livro seja um livro de administração da fazenda que detalhasse em alguma medida — que a gente não pode precisar qual é, se com grande quantidade de detalhes ou menor quantidade de detalhes — a administração do cotidiano da Fazenda Paraizo, que evidentemente envolvia a administração dos escravizados. Então esse livro poderia incluir um arrolamento dos escravizados com a idade, com nome e uma certa reconstituição dos vínculos familiares que fossem se desenvolvendo ali. Então a escravizada tal, casada com o escravizado tal, mãe do escravizado tal.

Tiago Rogero: Eu imagino que você já saiba, mas é muito difícil pras pessoas negras conseguirem traçar as próprias origens no Brasil. Justamente porque não existem muitos documentos do período da escravidão, e uns poucos que existem são tipo o inventário do Visconde, que só tinha o primeiro nome das pessoas e a idade. Então conseguir os vínculos familiares, por exemplo, já ia ser uma pecinha a mais pra esse enorme quebra-cabeças.

Eu perguntei pra Branca, pra Anna e pra Tina se tinha alguma coisa que elas achavam que acabou faltando na pesquisa. E foi interessante que as três responderam a mesma coisa.

Anna Vianna: O livro. O livro!

Branca Vianna: O livro.

Tina Molloy: O livro (ri). O livro do Paraizo.

Tiago Rogero: Um pouco antes d'elas encomendarem a pesquisa pros historiadores, a Tina chegou a voltar à Fazenda do Paraizo, já adulta.

Tina Molloy: Nos deram um tour junto com um grupo de outras pessoas. Eu fui com minha família. E aí eu perguntei para o Paulo onde estava o livro, e ele falou que estava com a irmã dele e que ela não dava acesso a ninguém. Eu fiquei super chocada de que eles não queriam, assim, dar o livro pra posteridade. Sabe, por que alguém iria querer segurar um objeto desses? Pra mim seria uma coisa, tipo, se você tiver documentos desses em suas gavetas e se tiver em casa, deveria abrir para o mundo estudar. Que tem tão poucos documentos que se pode usar para estudar escravidão. Então, quando eles disseram que não, até fiquei meio chocada.

Tiago Rogero: E, bom, como eu já falei mais cedo, um dos objetivos da minha ida até a casa do Roberto Guião, que passou quase 10 anos pesquisando a Fazenda do Paraizo, era pra saber se ele sabia alguma coisa desse livro. Pra falar a verdade, eu tava com a esperança de que ele tivesse até uma cópia, ou, sei lá, fotografias das páginas.

Tiago Rogero: O pessoal fala muito de um livro dos escravos também, que teria na Paraizo. O senhor já chegou a ver esse livro?

Roberto Guião: Não, eu não cheguei a ver. Possivelmente, pode até ter, mas eu não cheguei a pesquisar nesse livro para fim desse meu trabalho.

Tiago Rogero: Bom, um belo balde de água fria.

Mas tinha uma outra coisa que eu queria checar com o Roberto.

Lembra que, por uma série de motivos, a Marília e o Adriano, os historiadores, não conseguiram encontrar nenhum descendente de alguém que comprovadamente foi escravizado pelo Visconde?

Marilia Ariza: Não obstante, existe um rumor na região, que dá conta de que o atual proprietário da Fazenda Paraizo e até hoje é uma fazenda lindíssima, muitíssimo bem conservada, que funciona como uma espécie de polo turístico ali na região... de que ele seria descendente de escravizados do Visconde.

Adriano Novaes: Existe uma situação, uma história de que o proprietário da fazenda, hoje, do Paraizo, ele descende de uma escravizada da fazenda.

Tiago Rogero: É isso mesmo: existe um boato na região de que o atual dono da Fazenda do Paraízo, o Paulo Roberto, seria, ele próprio, descendente de alguém que foi escravizado pelo Visconde. Bom, eu pensei: se tem alguém que pode me confirmar isso, é o Roberto Guião.

Roberto Guião: Não tenho essa informação também, não.

Tiago Rogero: Duplo balde de água fria. Mas aí aconteceu uma coisa. Desde o início da semana anterior eu tava tentando contato com o Paulo Roberto, o atual proprietário da fazenda. Eu mandei mensagem e e-mail me identificando como jornalista, dizendo que eu tava fazendo uma reportagem sobre o Visconde do Rio Preto, e perguntando se eu poderia conhecer a fazenda e depois gravar uma entrevista com ele.

Eu não tinha tido resposta nenhuma.

Mas, numa quinta à noite, a Simone, esposa do Paulo Roberto, me respondeu confirmando a visita pra manhã daquele sábado.

É uma viagem de três horas de carro, eu ia ter que acordar muito cedo, então eu pedi pra minha esposa me acompanhar na viagem, pra eu ter companhia. Obrigado, Talitinha.

E a gente chegou lá no horário marcado pra enfim conhecer a Fazenda do Paraizo, a “joia do Vale do Paraíba”, a principal fazenda do Visconde do Rio Preto.

Simone: Então, sejam bem-vindos! Eu sou Simone, né, meu marido, Paulo Roberto. Somos proprietários aqui da fazenda, moramos aqui e vamos contar um pouco da História, não sei se alguém já conheceu alguma fazenda histórica da região...

Tiago Rogero: Eles costumam dar essas visitas guiadas pela fazenda. A senzala não existe mais. Eles contaram que já não tava mais lá quando a família do Paulo comprou, em 1912.

A visita durou pouco mais de 1 hora, a Simone e o Paulo Roberto foram muito receptivos comigo e com a minha esposa, que já tava lá, né?, então aproveitou pra fazer o tour também.

A gente conheceu os dois andares da casa; uma capela que fica lá dentro... E de fato tá tudo muito preservado: mobiliário, a arquitetura, a pintura das paredes. É bem impressionante.

Dentro do casarão tem um quadro enorme do Visconde e também da viúva dele: Maria das Dores, a Viscondessa.

O ápice da visita foi no fim, já de volta à entrada da casa, quando a Simone contou sobre o último aniversário que o Visconde passou ali.

Simone: O Visconde do Rio Preto resolveu fazer uma grande festa comemorando o aniversário dele, de 66 anos, no dia 7 de setembro de 1868. Então, a casa estava repleta de convidados, pessoas ilustres da época e num determinado momento ele resolve sair para mostrar a propriedade e ele mesmo vai conduzindo a carruagem. Só que no caminho os cavalos se assustaram com uma cobra. Ele tem que fazer muito esforço para controlar a carruagem, fica muito cansado e resolve retornar. Só que ele não sabia a surpresa que eu aguardava aqui. Então, à medida que ele vai se aproximando, as portas e janelas começam a se abrir, ele para a carruagem aqui na porta, o hino nacional começa a tocar; os homens começam a dar viva, batendo palmas, né? 'Viva o Visconde! Viva o Visconde!' E as mulheres das janelas começam a jogar pétalas de flores pra receber o Visconde do Rio Preto que estava chegando. Bom, o Visconde fica muito emocionado, tem um infarto fulminante e morre na frente de todos os convidados. Morre nos braços da viscondessa. Morreu feliz. Eu falo sempre que ele morreu feliz. Na época viveu bastante: 66 anos, a expectativa de vida era muito menor, né? Gente, olha só, a mi-não sofreu, num foi prum hospital, não ficou acamado, caiu assim, pá.

Tiago Rogero: No fim do tour, eu fiz a entrevista com o Paulo Roberto.

Paulo Roberto: Meu nome é Paulo Roberto e eu sou tataraneto de quem comprou a fazenda. E a fazenda, até hoje, eu acho que ela teve sorte de ter pessoas que seguem a história e que gostam. Eu vinha para cá nas férias e eu não pensava em viver aqui. Os anos foram passando, teve essa... essa... Não vou dizer sorte, essa oportunidade d'eu vir, e achei que eu poderia gostar. Fiz um teste numa época, mas um teste sem data marcada de vinda e nem de ida. E fiquei aqui até-- Quer dizer, estou aqui até hoje.

Tiago Rogero: Isso tem quanto tempo?

Paulo Roberto: Já tem uns 40 anos. E hoje eu gosto. Hoje a fazenda é minha. Antes não era, ela veio passando. Ela foi do meu avô. Antes do vovô, ele tinha uma irmã que era sócia dele. Depois a fazenda foi para o meu tio, a minha avó deu a fazenda para o meu tio e depois o meu tio

passou de novo, que ele ia ser operado. Passou de novo a fazenda para a mãe dele, que era minha avó, e depois eu. Hoje eu sou o único dono. As minhas irmãs não fazem parte daqui. Isso também ajuda a você manter a fazenda sem briga. Porque uma casa que você divide, por mais que você goste da pessoa, é diferente. A pessoa se casa, às vezes separa, tem filho, então é difícil. E há uns anos atrás nós abrimos a fazenda para visitaçã, né, um documento histórico.

Tiago Rogero: O que as pessoas em geral mais se interessam na visita? Assim, o que é que mais chama atenção?

Simone: É o fogão, a cozinha, as pessoas ficam realmente admiradas.

Tiago Rogero: Aqui de novo a Simone, esposa do Paulo Roberto. E ela tá contando de um fogão à lenha escocês, do século Dezenove, onde eles fazem as refeições da casa.

Simone: A gente acaba tendo que se adaptar a casa para poder manter o mais próximo possível do original. Procuramos fazer todas as obras com muito cuidado. Claro que aquela cozinha não é uma cozinha fácil de ser mantida, não é fácil de você trabalhar, ela é complicada.

Tiago Rogero: Mas vocês têm um fogão convencional em casa?

Simone: Não, lá em casa, não.

Tiago Rogero: Não tem?!

Simone: Não, não tem.

Tiago Rogero: Não tem uma airfryer... (risos)

Simone: Não! Não uma airfryer, não tem um microondas. Muito engraçado, que as pessoas falam. E eu me divirto com isso.

Tiago Rogero: No tour que eu participei, a escravidão, o trabalho escravo, foram citados algumas vezes. Num dá pra dizer que foi uma parte central da visita, mas também num dá pra dizer que essa parte foi ignorada.

Tiago Rogero: Eu vi que vocês mencionam o trabalho dos escravizados, assim, como que isso está no dia a dia? As pessoas se interessam por isso? Como vocês tentam colocar?

Simone: Muito! Não, as pessoas se interessam. Tem pessoas que perguntam mais. É porque assim, é um... Nós não temos, assim, registros do trabalho da época. Como eu falei, muitos permaneceram aqui na região. A descendência aqui é grande. Até mesmo Paulo Roberto tem descendência pela parte de, lá da avó dele.

Tiago Rogero: Até mesmo o Paulo Roberto tem descendência pela parte da avó dele.

Tiago Rogero: E o senhor tem descendência por parte da avó?

Paulo Roberto: Tenho, tenho, da minha avó, da minha avó. Com certeza alguém da vovó foi escravizado, isso é lógico.

Tiago Rogero: Mas aqui na Paraizo?

Paulo Roberto: Não aqui. Mas eu digo no entorno.

Simone: Mas era da região.

Tiago Rogero: Mas ela era a esposa do que comprou aqui?

Paulo Roberto: Do meu avô, do meu avô. Ela vinha a ser nora do meu bisavô.

Tiago Rogero: Que foi quem comprou.

Paulo Roberto: Que foi quem comprou.

Tiago Rogero: Aí, a nora dele, sabe-se que ela era descendente de escravizados da região.

Paulo Roberto: É, isso aí.

Tiago Rogero: Eram escravizados do Visconde, será? Não?

Paulo Roberto: Não, aí eu não sei, assim, de quem, mas talvez, até. Entendeu? Porque um lugar que ele chegou a ter várias fazendas, às vezes chegou até ela.

Simone: E é bonito, é uma história também bonita, como eu falei, daquela. Que é a avó-- Assim, o avô se apaixona por ela. Era uma moça bem mais nova, mas de outra raça, para aquela época. Imagina, ele, um fazendeiro todo fino. Então, ela teve que lutar para ter o lugar dela.

Paulo Roberto: Houve essa resistência, mas depois não. Depois viram que ela é uma pessoa boa.

Tiago Rogero: O bisavô do Paulo, o coronel, era de uma família rica da região, os Belfort Arantes. Daí o filho dele, o major Galileu, se casou com a Guiomar, que por sua vez era descendente de alguém que foi escravizado. Não se sabe exatamente quem. Eu já ouvi que foi a mãe dela, por exemplo.

Mas o que a gente sabe com certeza é que isso faz do Paulo Roberto, o atual dono da fazenda, um descendente tanto de escravizados quanto de escravizadores da região.

Paulo Roberto: Eu não reflito sobre isso, não. É a vida. A vida... isso... Faz parte.

Simone: Aí você convive. É normal. Aqui sempre se conviveu muito bem. Aqui nunca teve...

Paulo Roberto: É uma coisa bonita, que você vê, a mistura, é uma mistura que deu certo. Então é aquela história, o outro para ter sangue azul, ele não tem mistura. Mas é bonito esse outro lado.

Tiago Rogero: Bom, então isso eu consegui confirmar: o Paulo Roberto é mesmo descendente de alguém que foi escravizado na região, e talvez até pelo próprio Visconde.

A outra coisa que eu precisava saber, bem:

Tiago Rogero: O pessoal fala de um livro de-- Todo mundo fala do tal livro dos escravos que teria na Paraizo.

Paulo Roberto: É, mas não tem mais.

Tiago Rogero: Não tem mais?

Paulo Roberto: Não, não tem mais.

Tiago Rogero: Mas o quê, se perdeu?

Paulo Roberto: É. Esse livro... Eu não tenho mais contato com ele, entendeu? Então... Eu cheguei a ver esse livro.

Tiago Rogero: E o senhor lembra o que tinha nesse livro?

Paulo Roberto: Eu lembro... Eu lembro que tinha nomes, que tinha origem, se eles vieram de onde, se eles eram boas pessoas ou não. E até o modo de falar... Era assim... "Mau", tinha assim. Se a pessoa não era "bom"... então, vinha, "mau". Então, não era com respeito, conforme hoje você iria ter. "Não, é mau". Se ele já tinha-- se era falecido tinha um sinal de uma cruz, isso eu lembro. Mas o livro... eu perdi. Não sei aonde ele foi parar.

Tiago Rogero: E o senhor acha que talvez tenha chances de em algum momento reaparecer e ir para um museu, ou alguma coisa assim? Que é o tipo de documento que talvez possa ter valia pra historiador.

Paulo Roberto: É... Não, eu tinha vontade de ter. Eu não daria para museu, eu iria cuidar muito bem cuidado desse livro. Mas é aquela história, o meu tio morou aqui na fazenda muitos anos, não sei se ele deu... Não sei. Não sei, mas a história é essa. Se um dia vier a encontrar esse livro, vamos zelar muito bem zelado, como nós protegemos o que nós temos.

Tiago Rogero: Olha, eu num tenho nada a ver com essa história, num sou descendente de visconde nenhum, mas eu confesso que até pra mim é frustrante essa história tal livro dos escravos da Fazenda do Paraizo.

Mas eu também num quero que fique parecendo que encontrar o tal livro resolveria tudo, até porque a gente nem sabe o nível de detalhamento dele e, ainda que seja muito detalhado, mil outras dificuldades poderiam surgir pra conseguir localizar descendentes das pessoas listadas ali.

Eu acho que esse livro acabou sendo colocado quase que num pedestal, ou melhor, numa estante imaginária onde a gente coloca as coisas que não consegue alcançar. Um objeto quase mítico, mesmo.

Mas a principal ideia, aqui, é a desse livro como um exemplo, um exemplo, dessa quantidade de documento que até hoje tá perdida ou escondida em baú, em porão, no fundo de uma gaveta; documentos que poderiam ser muito úteis pra gente entender um pouco melhor o nosso passado, e até mais do que isso.

Branca Vianna: Meu sonho, quando eu comecei a falar com os historiadores, era que eles achassem documentos sobre os escravizados, para que esses documentos pudessem ser disponibilizados pros pesquisadores, para as pessoas que quisessem achar... achar suas famílias, achar as origens, pesquisar a questão da escravidão ali naquela região. E eu acho que tem muita gente com documentos na gaveta. Então, eu acho que aqui a gente pode pedir para as pessoas que tem-- que cujas famílias vêm de senhores de escravos, que procurem. Procurem nas suas casas, procurem no sótão, procura na casa da avó, da bisavó, porque deve ter coisa.

Tina Molloy: É uma parte disso, da história que nos falta muito, é contar. Sabe, não pode negar esse passado. As pessoas têm, sabe, deveria ter assim, arqueologia procurando senzalas, mostrando para as pessoas. Isto é que é uma brutalidade que a gente não pode repetir, colocando debaixo do tapete.

Tiago Rogero: Aliás, uma coisa que faltou falar sobre o Visconde é que, na família, o que se conta é que o dinheiro acabou na avó delas.

Tina Molloy: Que ela herdou tudo, e ela e meu avô queimaram tudo. Mas aí, vários objetos, como espadas e pratas e coisas assim passaram para a família. Então, sim, nós beneficiamos, ainda na minha geração, do Visconde. Tipo, a minha mãe tinha diamantes que ela herdou, que ela vendia. Ela vendeu um diamante para construir uma parte da nossa casa em Boston. Ela vendeu outras coisas pra poder estudar. Então assim foi vendendo. Aí sim. Eu não herdei nada. Minha filha não vai herdar nada, não vai ter nenhum objeto do Visconde, mas vai ter que ter consciência. A lição que eu quero passar para ela é que ela saiba dessa história, que ela saiba de onde... a origem da nossa sociedade. Que é uma parte-- Nós tivemos uma parte na construção da sociedade brasileira, nossa família teve. Eu acho que todo mundo tem que ter essa consciência, especialmente os descendentes, né? Mesmo que você herda uma coisa, não tem mais quadro, não tem mais diamante, não tem mais prata. Mas que saiba. Sabe, da história, que saiba por que as coisas estão do jeito que estão. Não pode ser ignorante.

Tiago Rogero: No fim das contas, a iniciativa das três, de promover essa pesquisa, foi bem recebida na família.

Branca Vianna: A gente estava apreensiva, e na verdade foi ótimo, foi super bem recebida. Mas eu acho o seguinte, Tiago, essa conversa que a gente queria ter entre a nossa família, ela... Ela não é a parte mais importante desse negócio todo, entendeu? Aliás, ela é uma parte totalmente desimportante, não tem nenhuma importância. O que eu sinto, o que a Anna sente, o que a Tina sente, não tem importância nenhuma nessa história. Absolutamente nenhuma importância. Eu acho que é muito maior a coisa.

Enfim, não foi a gente que sofreu. Gente, a gente está se beneficiando disso até hoje. Não tem nenhuma importância se eu tô alegre, se eu estou triste, se eu fico triste porque ele tinha mil e tantos escravizados, se eu fico sofrendo por causa disso, isso não tem nenhuma importância. Não é sobre a gente. Não é sobre a gente. Eu não quero que a gente esteja no spotlight por causa disso. A única coisa que eu acho que esse nosso movimento de falar disso publicamente, falar publicamente: eu venho de uma família de escravizadores que tinha centenas de escravizados... Eu acho que o único valor público que isso pode ter é talvez incentivar outras pessoas como nós a fazer a mesma coisa.

Branca Vianna: Eu acho-- Sinceramente, eu acho que a questão racial no Brasil é a questão fundamental para o Brasil. A gente tem que encarar essa questão de frente, todo mundo tem que encarar essa questão de frente, inclusive as pessoas brancas, sejam elas descendentes de escravizadores ou não. Muita gente é de imigração recente e vem no início do século XX, final do século XIX. Não tem nada a ver com escravização. Mas se veio para cá como uma pessoa branca da Europa, teve benefícios que os escravizados não tiveram. Então, todo mundo tem que encarar essa questão de frente. Foram 400 anos de escravidão, 400 anos de tortura, pelo menos 400 anos de consertar isso. Então, políticas públicas que façam isso, diálogo, debate. Não é dizer, a gente teve dez anos dessa política, a gente teve 15 anos dessa política, então agora já não precisa mais. Não, foram 400 anos, vão ser pelo menos 400 anos. Eu sempre digo que violência contra a mulher é assunto de homem, não é assunto de mulher. Que quem tem que discutir isso são os homens, porque quem está perpetrando essa violência são os homens. E eu acho que a questão do racismo é muito isso, porque quem é racista é branco.

Anna Vianna: Eu espero ser criticada. Porque eu acho que isso vai ser-- Esse é o sinal de que a coisa vai funcionar. E no início, com algumas poucas pessoas que eu conversei, eu ouvi. "Mas por que mexer nisso? Por que falar disso? Nós temos política de cotas, nós já temos...". Então eu espero receber alguma crítica, inclusive das famílias quatrocentonas etc. Se não-- 'Mas que absurdo!'.

Tiago Rogero: O que me interessou em contar essa história não foi o fato de conhecer a Branca, ou de ter trabalhado na empresa criada pela por ela, que é a Rádio Novelo.

O que me interessou foi a relevância jornalística disso, porque afinal num é nada comum no Brasil que descendentes de escravizadores, de escravocratas, encarem de frente esse passado e falem abertamente sobre isso.

Mas tem uma preocupação que me acompanha desde a primeira entrevista que eu gravei com elas sobre isso, em 2021: que não fique parecendo que a gente tá pintando elas, aqui, como...

Branca Vianna: White savior.

Anna Vianna: White savior.

Tiago Rogero: Isso, white saviors.

Como as salvadoras brancas.

Como se eu tivesse colocando elas num pedestal por terem feito isso.

Num tem pedestal nenhum.

Nessa história toda de escravidão,

que é a história do Brasil, né? O Brasil nasceu da escravidão, se tem alguém que merece reverência é o povo preto e também os nossos povos originários, enfim.

Pessoas que, no que dependesse dos viscondes, comendadores e barões da vida, nem estariam mais aqui hoje.

Mas estão.

E, bom, ainda que eu tenha tido essa preocupação de não pintar a Branca, a Anna e a Tina como as salvadoras brancas, pode ser que mesmo assim esse movimento delas seja visto dessa forma.

Branca Vianna: Esse tipo de crítica de acusar a gente de estar querendo ser white savior, eu acho uma crítica super interessante. E todas as críticas

que vierem, com exceção da crítica de 'por que mexer nesse vespeiro?'
Porque eu acho que tem mesmo que mexer nesse vespeiro. Mas, fora essa, eu acho que todas as críticas que vierem eu vou achar interessante. Eu quero discutir isso, entendeu? Quero saber o que as pessoas acham.

Anna Vianna: E ajuda a elaborar. Isso ajuda a gente a elaborar também.

Branca Vianna: As pessoas brancas da minha classe social, eu já sei o que elas acham. Então é menos interessante isso, é muito menos interessante para mim, alguém me dizer: ah, mas você não tem medo disso, para que mexer naquilo? Isso não vai me dar curiosidade, não me causa interesse, não vai me levar a lugar nenhum. Eu quero a crítica das outras pessoas, a crítica das pessoas que são descendentes dos escravizados, ou não, as pessoas que trabalham com isso, que estudam isso, que pensam na questão do racismo no Brasil. Eu quero saber o que essas pessoas acham desse movimento que a gente está fazendo, se acham bom, se acham ruim. Se acham ruim, por que acham ruim. Como a gente poderia ter feito melhor, se a gente não deveria ter feito? Deveria ter deixado quieto e por quê? Isso tudo me interessa.

Tina Molloy: Se tiver alguma, assim, algum impacto que se pode ter, eu queria mesmo que as outras pessoas que são descendentes que saíssem, que admitissem, que pegassem os documentos que têm. Que tem que expor essa história, tem que ser exposta. Porque cada geração, pelo visto, vai ter que aprender de novo. Porque eu achava que as pessoas já estavam na mesma página, que o racismo existe, que é uma coisa ruim, que veio da escravidão, que a gente tem que combater isso, que a gente tem que resolver coisas, que precisa ter mudanças estruturais. Meio que passava que todo mundo sabia isso, mas pelo visto não. Pelo visto, vai ter que ser reaprendido a cada geração. Então, quem quem é descendente de escravocrata deveria sim participar assim do da história mesmo, colocar os documentos que tem, falar o que sabe, dar entrevista. Se não tiver-- Se tiver alguma utilidade nisso, seria seria bom.

Branca Vianna: Esse foi o Tiago Rogero, colaborador da Rádio Novelo.

A pesquisa sobre o Visconde do Rio Preto e as pessoas escravizadas por ele vai continuar, e vai ser muito facilitada se os pesquisadores puderem ter acesso ao cartório em São João del Rei onde estão muitos documentos sobre ele.

A ideia é tornar essa pesquisa pública, para contribuir com o estudo da escravidão no Brasil. Para isso, os documentos de São João del Rei são muito importantes. Não se sabe por que, o cartório não dá acesso a pesquisadores, apesar de serem documentos históricos que deveriam ser públicos.

É possível que lá também tenha documentos sobre outras famílias como a nossa, com muita informação que pode ser útil para a gente entender esse período da história do Brasil, cujas repercussões formam o país em que vivemos hoje.

Como me disse a historiadora Marília Ariza, "o problema e o interesse nele são públicos, e o compromisso para ir à fundo na questão também deveria ser."

Obrigada por ouvir mais um episódio do Rádio Novelo Apresenta.

Lá no nosso site, você sempre encontra material extra sobre os episódios. Essa semana, tem algumas fotos da apuração do Tiago, e uma pequena bibliografia que ele selecionou.

E, quando cê tiver passando por lá, aproveita pra assinar a newsletter do Rádio Novelo Apresenta – e ser brindado toda semana com dicas espertíssimas da nossa equipe.

Já se você quiser mandar uma sugestão de história pra gente contar aqui, vai lá na seção do site onde diz "envie uma pauta", que tem tudo explicadinho.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. A gente tem o apoio da Open Society Foundations. Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência executiva é da Marcela Casaca e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães e a Sarah Azoubel.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Natália Silva, e a Júlia Matos.

A checagem deste episódio foi feita pela Luiza Silvestrini.

Nesse episódio a gente usou música original da Aline Gonçalves e também da Blue Dot. A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O Gilberto Porcidonio é o responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais.

O design das nossas peças é do Mateus Coutinho.

Brigada, e até a semana que vem.